

DA EFERVESCÊNCIA ORGÁSTICA AO AGRILHOAMENTO DE EROS: AS VICISSITUDES CORPORAIS SOB A PENA LISPECTORIANA

FROM ORGASTIC EFFERVESCENCE TO THE GROUNDING OF EROS: BODY VICISSITUDES UNDER THE LISPECTORIAN PEN

Prof. Ms. Silvio Tony de Oliveira (UFPB - PPGL)¹

Prof. Dr. Hermano de F. Rodrigues (UFPB -PPGL)²

RESUMO: No contexto da medicina do século XIX, a concepção de corpo, imbrincado com a perspectiva de unidade constituída a partir das relações bioquímicas e anatômicas, vigorou sobre a escrivania de psiquiatras e outros profissionais da saúde humana. Nesse cenário, o corpo assume as reverberações da medicina anatômica, que, por séculos, esmiuçou os flancos corporais em busca de respostas comprobatórias a respeito das inúmeras sensações experienciadas pelos sujeitos, principalmente, quando se refere aos horizontes da sexualidade humana. É a partir dos postulados teóricos de Sigmund Schlomo Freud (1856- 1939) que a subjetividade transpassa o conceito de corpo biológico. O Inconsciente e suas reverberações na conduta dos sujeitos sociais denunciam a existência oculta de um Outro corpo tomado pelo transbordamento libidinal e sua perene busca pela satisfação. Nesse sentido, a psicanálise freudiana vislumbra um corpo erógeno e sempre em tensão com os reclames culturais, que, por sua vez, promulgam o contingenciamento das descargas orgásticas em nome da consolidação de normas e comportamentos idealizados no âmbito da sexualidade. Em contrapartida, a Literatura, por meio de suas especificidades *efabulatórias*, engendra *personas que* mimetizam as imaterialidades humanas. Assim, a escrita Lispectoriana, nesses parâmetros, apresenta-se como um profícuo espaço para se forjar reflexões sobre as demandas da existência dos seres sociais. Logo, por meio da interlocução entre Literatura e Psicanálise, desenvolveremos uma análise do conto clariceano *Ruído de passos*, presente na obra *Via Crusis do Corpo* (1974). Nesse texto evidencia-se as vicissitudes da personagem Cândida Raposo e seus conflitos circunscritos entre o prazer/desprazer; satisfação/ angústia diante dos interditos culturais e o transbordamento libidinal experienciado. Para tanto, recorreremos os postulados freudianos acerca do conceito psicanalítico de corpo e pulsão.

Palavras-chave: Literatura; Lispectoriana; Pulsão; Corpo; Sexualidade

¹ E-mail: silviophoenix@hotmail.com

² E-mail: hermanorgs@gmail.com

ABSTRACT: In the context of 19th century medicine, the concept of the body, intertwined with the perspective of unity constituted from biochemical and anatomical relationships, prevailed on the desk of psychiatrists and other human health professionals. In this scenario, the body assumes the reverberations of anatomical medicine, which, for centuries, teased the body flanks in search of corroborative responses regarding the innumerable sensations experienced by the subjects, especially when referring to the horizons of human sexuality. It is from the theoretical postulates of Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) that subjectivity goes beyond the concept of the biological body. The Unconscious and its reverberations in the conduct of social subjects denounce the hidden existence of an Other body taken by the libidinal overflow and its perennial search for satisfaction. In this sense, Freudian psychoanalysis envisions an erogenous body and always in tension with cultural complaints, which, in turn, promulgate the contingency of orgasmic discharges in the name of the consolidation of norms and behaviors idealized within the scope of sexuality. On the other hand, Literature, by means of its specificities, generates personas that mimic human immaterialities. Thus, Lispectoriana writing, in these parameters, presents itself as a fruitful space to forge reflections on the demands of the existence of social beings. Therefore, through the dialogue between Literature and Psychoanalysis, we will develop an analysis of the Claricean tale *Noise of Steps*, present in the work *Via Crucis do Corpo* (1974). This text highlights the vicissitudes of the character Cândida Raposo and her circumscribed conflicts between pleasure / displeasure; satisfaction / anguish in the face of cultural interdictions and the experienced libidinal overflow. For that, we resort to Freudian postulates about the psychoanalytic concept of body and drive.

Keywords: Literature. Lyspectorian. Pulsation. Body. Sexuality

INTRODUÇÃO

Um dos princípios utilizado pelo campo científico para diferenciar os seres humanos de outras formas de vida, como os animais, seria a capacidade intrínseca da racionalização do pensamento. Ao humano é atribuída a competência da dominância de um pensamento racional e complexo. Entretanto, se buscarmos expandir as prerrogativas de distinção, poderemos ressaltar o campo da sexualidade como outro fator viável para essas delimitações. O comportamento sexual humano se distingue de outras espécimes uma vez que, no homem, o ato sexual não se limita à necessidade

da procriação, mas, configura-se como um sinônimo prazer/satisfação. Nesse sentido, a sexualidade humana se apresenta (*in*) delimitável ou infindável quanto as suas múltiplas formas de expressão, que adquirem contornos variados nas performances orgásticas encenadas pelos corpos durante as inúmeras possibilidades de atos sexuais.

Ainda poderíamos discorrer acerca de outra instância que concede insígnias únicas à sexualidade humana: os enlaces entre sexo e cultura. Lequier (2001), em seu texto *Inventando o sexo*, descreve, por meio das teorias científicas, filosóficas e médicas, construídas ao longo dos séculos, como a cultura molda, de forma aparentemente apaziguadora, por intermédio de sua visão idealizada de comportamento, o corpo e a sexualidade dos sujeitos em sociedade. Nesse sentido, a sexualidade transpassa os limites da união genital e passa a se configurar como um ato político, ideológico norteado a partir de estereótipos de comportamento considerados ideais. Obviamente, é salutar destacarmos as tensões existentes entre a cultura e as práticas eróticas. Nessa seara, ao que nos parece, a ciência do Inconsciente, surgida em um contexto inóspito para as querelas da sexualidade humana, apresenta-se como um campo profícuo para as reflexões entre cultura e sexualidade humana. A psicanálise, criada pelo vienense Sigmund Freud, vislumbra, no amago das relações humanas, a sexualidade e suas reverberações psíquicas, por vezes, conflitantes com os processos de interdição social. Como requisito para se viver coletivamente, os excessos eróticos são velados e, assim, estabelecem-se os conflitos entre corpo e cultura; desejo sexual e sociedade.

Nesse sentido, por meio da interface entre Literatura e Psicanálise, nosso escopo é fomentar discussões acerca da sexualidade e suas tensões com o processo de amordaçamento de Eros feito pela cultura. Para tanto, dispomos a realizar uma leitura psicanalítica do conto *Ruído de passos*, de Clarice Lispector, presente na referida obra clariceana. No *corpus*, a protagonista Cândida Raposo encena as angústias de um corpo desejante eroticamente, ao mesmo tempo que se confronta com os interditos culturais quanto ao seu transbordamento libidinal. É com uma sensibilidade própria que Clarice Lispector, por meio de sua narrativa, reverbera os conflitos históricos entre

Eros e sociedade no contexto ocidental. Na próxima seção, abordaremos o conceito de corpo para a psicanálise.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1- O véu erógeno: o corpo fantasmático no contexto da psicanálise

Etimologicamente, a palavra corpo advém do termo latino *corporis* e suas desinências. Nesse sentido, o termo assume a ideia de *corpus* - cadáver- muito próximo da perspectiva do corpo como objeto de análise científica. Em outras palavras, estamos nos reportando ao corpo biológico e suas estruturas fisiológicas definidas pela anatomia de variados sistemas de órgãos. Entretanto, o conceito de corpo, aqui proposto para discussão, apesar de manter relações com essa instância biológica, difere do corpo como sinônimo de matéria orgânica. Freud, inclusive por sua formação na neurologia, ao estabelecer as bases da psicanálise, concebeu o sujeito cindindo entre o corpo biológico e o corpo psicanalítico, que é da ordem pulsional; ou seja, não descartou o corpo fisiológico, mas interpretou a influência de um Outro sobre aquele.

Essas constatações foram observadas a partir do estudo e observação dos fenômenos histéricos, os quais tinham suas raízes em afetos imbrincados a lembranças intoleráveis ao ego. Essas ideias ofensivas eram relegadas às brumas do inconsciente embalde a carga sentimental continuava a atuar sobre o corpo provocando diversos quadros psicossomáticos. “Trata-se de fazer perceber e entender que o corpo no qual os sintomas histéricos se manifestavam não era a origem, a causa ou a natureza desses sintomas, mas palavra, signo e expressão.” (WINOGRAD, 2016, p. 236)

Em *O Mal- estra na civilização (1930)*, Freud faz menção ao poderio cultural que, ao interferir sobre os sujeitos, forjam suas subjetividades sexuais ou escolhas sexuais, de acordo com as condutas culturais idealizadas. Em outras palavras, a bissexualidade, inata ao ser humano, é reprimida em nome de uma posição heterossexual - aqui mais próximo do sentido biológico/reprodutivo - privilegiada e em consonância com os intentos da sexualidade idealizada socialmente. Nesse sentido, como bem afirma Georges P. Brabant, em seu livro *Chaves da psicanálise (1984)*, o corpo, para a psicanálise é sinônimo de prazer

e desprazer pois está imerso nas experiências libidinais do sujeito. É um corpo erógeno, sem forma material definida, mas que recobre o corpo biológico através da interligação psíquica e somática. Na próxima seção, propomos discutir sobre o conceito psicanalítico de pulsão e suas singularidades.

2- Dimensões pulsionais: o corpo entre o psíquico e o somático

Freud, ao postular as bases teóricas da psicanálise, apresentou ideias que se confrontavam com as perspectivas teóricas e metodológicas da ciência de seu tempo. Ao se reportar à concepção do humano dividido entre um corpo psíquico e um corpo biológico e na interação desses, Freud passa a propor que o inconsciente comanda as ações desse corpo dito como orgânico. Psíquico e somático convergem ao ponto de estabelecer as primícias do conceito de pulsão.

Em *Pulsões e seus destinos (1915)*, o neurologista vienense apresenta o conceito de pulsão (*Trieb*) fazendo a distinção desse termo e instinto. Para Freud, a pulsão se apresentaria como a força motriz da engrenagem psíquica, enquanto que o instinto estaria mais próximo de uma perspectiva fisiológica/biológica. Em outro momento, a diferenciação tem continuidade por meio da distinção entre os campos de atuação: a pulsão se manifesta no sentido interior para o exterior; já o estímulo fisiológico se propicia a agir no sentido contrário. “A pulsão, por sua vez, jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante.” (FREUD, 1915, p. 19) No mesmo texto freudiano, ainda podemos observar a conceitualização de libido como representação psíquica da pulsão. Assim, “para Freud, a pulsão é um processo dinâmico consistindo em um impulso que tem sua fonte excitação corporal localizada.” (BRABANT, 1984, p. 26)

Freud (1915) conceitua, ainda, pressão como a força motor, estado de tensão intrapsíquico que se manifesta por meio de estímulos exteriores nas zonas erógenas corporais (fontes). Alerta Freud para o objetivo ou meta de toda pulsional: sua satisfação, realização por meio da suspensão do estado momentâneo de tensão no psiquismo. Ainda, o psicanalista vislumbra um conceito pulsional não determinado pelo objeto. Este sendo “ (...) o que há de

mais variável na pulsão, não estando originalmente a ela vinculado, sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação.” (FREUD, 1915, p. 26; 27)

A pulsão sexual não determinada pelo objeto e atuante sobre um corpo biológico são fatores fundamentais para vislumbrarmos um conceito de sexualidade nodado pela amplitude dimensional de suas manifestações. Nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), Freud apregoa, mais uma vez, a não determinação natural da pulsão pelo objeto ao se reportar às manifestações sexuais consideradas anormais pelo campo científico oitocentista como é o caso dos invertidos ou a homossexualidade. “Relembro aqui que desde ‘os três ensaios...’ a noção freudiana de sexualidade não se restringe à genitalidade, não brota naturalmente do interior do corpo biológico e sua finalidade primeira não é a procriação, mas o prazer.” (VIOLANTE, 2004, p. 56) Corpo erógeno, corpo pulsional, corpo como manifestação do psiquismo por meio da pulsão libidinal é sobre esse corpo que a psicanálise se debruça e formula suas teorias. Na próxima seção, desenvolveremos uma leitura psicanalítica do conto *Ruído de passos*, de Clarice Lispector e os conflitos encenados por uma feminilidade cindida entre o pulsional e o cultural.

3- Dos transbordamentos à agonia de Eros: (*des*) caminhos da erotização corporal

As personagens femininas, em *Via cruci do corpo*, ecoam as instáveis e sempre tencionadas relações entre a sexualidade, corpo e cultura patriarcal. Entre transbordamentos pulsionais e cerceamentos do corpo, as feminilidades mimetizadas encenam as vicissitudes da feminilidade³ ao mesmo tempo que deixa plasmada a sublevação erótica do corpo feminino. A mitologia já vaticinava às diversas versões do feminino como bem nos mostra Martha Robles, em *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos* (2019): em alguns momentos possuidor de um corpo erotizado, sendo a própria personificação divina do desejo - como no caso de Afrodite, na cultura helênica - e as versões

³ Conceito psicanalítico. Prerrogativas pulsionais e culturais de comportamento que determinariam ou caracterizariam o feminino.

de Lilith sinônimo de luxúria e sofreguidão - suposta primeira esposa de Adão, e Eva vista, na narrativa cristã, como a pecadora do Éden e que fez sucumbir toda a humanidade com seu ato impensado.

Como podemos ver, a forma como o erotismo orbita o feminino sempre está associada às construções estereotipadas de cada momento cultural e histórico. O conto *Ruído de passos* evidencia, com singular destreza, os enlaces conflitantes entre o corpo biológico e o corpo psicanalítico; entre o desejo sexual perene e os interditos culturais; entre o eu feminino desejante e a impossível missão desse mesmo eu elidir as irrupções libidinais. No início da narrativa, o narrador onisciente busca descrever contextos específicos que propiciam o surgimento das “queixas” somáticas na personagem Cândida Raposo:

Tinha oitenta e um anos de idade. Chamava-se dona Cândida Raposo. Essa senhora tinha a vertigem de viver. A vertigem se acentuava quando ia passar dias numa fazenda: a altitude, o verde das árvores, a chuva, tudo isso a piorava. Quando ouvia Liszt se arrepiava toda. Fora linda na juventude. E tinha vertigem quando cheirava profundamente uma rosa. (LISPECTOR, 1974, p. 36)

250

Já, de imediato, o narrador faz uma constatação de suma importância para a construção performática da protagonista no conto: era uma mulher de oitenta e um anos. Temos um corpo biológico sendo delimitado em sua natureza pela cronologia e essa associada a possíveis formas de comportamento - compatíveis com a perspectiva cultura, patriarcal, cristã, ocidental. “Essa senhora tinha uma vertigem de viver” diz o narrador. Ao que nos parece, Cândida Raposo se mostra fracionada entre os reclames e limites biológicos do corpo octogenário e seu Outro corpo que se mostra atemporal: as labaredas da vida ainda persistiam em existir dentro de si.

Não por acaso, o narrador nos traz a descrição de um contexto espacial exato em que esses conflitos entre o externo e o interno, na personagem, intensificam-se: o ambiente rupestre e natural de uma fazenda. Os ecos pulsionais oriundas da natureza de um corpo desejante - apesar da biologia de um corpo deteriorado pelo tempo - ressoam com a natureza descrita no espaço. Assim, a natureza contrasta com um corpo chagado pelas marcas impostas pela

idade, mas, que, ao mesmo tempo denota a beleza do Outro corpo da personagem - este não relacionado com bioquímica.

“Pois foi com dona Cândida Raposo que o desejo de prazer não passava.” (LISPECTOR, 1974, p. 36) A *via crucis* de Cândida Raposo se inicia com uma visita ao ginecologista após experienciar sensações corporais relacionadas à sua sexualidade e que não estariam de acordo, na própria perspectiva da protagonista, com um comportamento de uma anciã após viver seus oitenta e quatro anos. Lequier (2001) e Martins (2004) ao se debruçarem sobre o contexto científico do século XIX e a consequente visão científica sobre o corpo feminino, descrevem um cenário em que as estruturas fisiológicas e anatômicas dos ovários e útero começam a denotar tanto o gênero como a finalidade primeira da mulher: a maternidade. Possuir ovários e útero começa a demarcar ser mulher. A recém-surgida ginecologia, nesse contexto, preocupa-se mais em compreender o funcionamento dos órgãos reprodutivos da mulher e menos com questões não passíveis de comprovação empírica. Esse último campo da ciência ficou a cargo da também recém-criada psicanálise.

Freud (1915) se reporta a um período arcaico inerente ao humano no qual o bebê, diante de sua fragilidade fisiológica e biológica corporal, é penetrado por estímulos externos efetivados pelos cuidados que se destinam a sua sobrevivência orgânica: alimentação, higienização entre outros. Esse corpo, ainda pouco adaptável às condições externas ao útero, por meio de toques, gestos carinhos e cuidados vitais, passa por um processo de erotização do corpo. Em outras palavras, temos o despertar do erógeno nas zonas/fontes libidinais. Todavia, o trecho que nos chama atenção e parece encontrar validação no corpus é a reflexão freudiana sobre o ímpeto libidinal e suas expressões no corpo biológico que independem, inclusive, da vontade deste. Vejamos:

Os estímulos pulsionais que surgem no interior do organismo não podem ser desfeitos por esse mecanismo. Eles colocam, portanto, exigências muito mais elevadas ao sistema nervoso, induzem-no a atividades complicadas e intrincadas entre si, as quais modificam sobremaneira o mundo externo, que oferece a satisfação à fonte interna estimuladora, e, sobretudo, obrigam o sistema nervoso a abdicar de sua intenção ideal de conservar

afastados os estímulos distantes, pois mantêm um inevitável e contínuo afluxos de estímulos. (FREUD, 1915, p. 21; 23)

O processo de fuga parece ser a alternativa de Cândida Raposo. A busca por ajuda médica diz da negação que a mesma insiste em lançar mão sobre sua sexualidade. A pulsão sexual, que se manifesta em um corpo biológico desprovido da beleza e vitalidade de outrora, mostra-se pululante e voraz. Esse encontro da protagonista com o ginecologista também pode ser vislumbrado como um véu metafórico que carrega as insígnias teóricas patriarcais, sobre a sexualidade feminina, construídas nos mais diversos campos do saber, a saber a medicina, como bem aponta Martins (2004) e Trillat (1985). A pulsão libidinal, nesses parâmetros, não possui forma, meios de mensuração ou muito menos está submetida ao estado cronológico ou biológico do corpo. A libido está para além das delimitações fisiológicas e seu discurso se consolida de forma expressiva e perene mesmo contra a vontade ou desejo de fuga como ocorre com a protagonista do *corpus* em estudo. A narrativa tem sua continuidade e as angústia de Cândida Raposo se prolongam durante a consulta ginecológica. Acompanhemos:

Teve enfim a grande coragem de ir a um ginecologista. E perguntou-lhe envergonhada, de cabeça baixa: - Quando é que passa? - Passa o quê, minha senhora? - A coisa. - Que coisa? - A coisa, repetiu. O desejo de prazer, disse enfim. - Minha senhora, lamento lhe dizer que não passa nunca. Olhou-o espantada. - Mas eu tenho oitenta e um anos de idade! - Não importa, minha senhora. É até morrer. (LISPECTOR, 1974, p. 36)

A anciã se mostra inquieta, buscando uma delimitação de tempo para o fim das sensações “pecaminosas” que lhe acometem o corpo. Como em outros contextos históricos conflitantes entre o saber médico e a sexualidade enigmática feminina, o ginecologista parece não compreender e responder a inquietação, que em outros tempos afligiu Freud em seus estudos sobre a feminilidade: o que quer Cândida Raposo? O profissional se inquieta diante da impossibilidade medicamentosa ou terapêutica para subverter os impulsos corporais experienciados pela idosa. “A coisa”, termo usado pela personagem para se referir aos seus desejos eróticos, rememora a ideia cristianizada e pecaminosa que recobriu o sexo desde o período do medievo.

Prazer na sexualidade significa ceder às tentações da carne e a recompensa do pecador é a perda do espírito. Corpo e erotismo são categorias inconciliáveis nesse contexto histórico e esse discurso apresenta proporções na fala da protagonista lispectoriana. Pronunciar a palavra sexo e suas desinências semânticas, assim como se acreditava, na mística medieval, que mencionar o nome do diabo culminaria na sua materialização, significa para Cândida Raposo sucumbir a uma situação de falta de pudor ou ceder aos desejos carnis. Uma leitura psicanalítica sobre o nome de Cândida Raposo pode ser ainda esquadrihada para compreendermos possíveis diálogos entre Literatura e Psicanálise; Inconsciente e estado de vigília. Sobre as relações entre a arte literária e o campo psicanalítico, diz Jean Bellemin -Noel (1978):

Instrumental teórico pertencem a ordens diferentes da realidade (um material contra instrumentos de investigação), é preciso não perder de vista que a *vi São* do mundo das belas-letas e a marcação dos efeitos do inconsciente funcionam do mesmo modo: são duas espécies de interpretação, maneiras de ler, digamos leituras. Literatura e psicanálise "lêem" o homem na sua vivência cotidiana tanto quanto no seu destino histórico. (BELLEMIN-NOEL, 1978, p. 13)

Freud (1908) admite a viabilidade da criação artística, feita pelo poeta, ser uma expressão inconsciente. O processo de escrita, nesses termos, é visto como um discurso tomado pelo dizer e pelo ocultar. Essa dinâmica de se ocultar e de se revelar burla dos domínios conscientes da autoria. Partindo desses princípios, em consonância com a temática cultural de interdição do desejo sexual e suas reverberações corporais, podemos observar um processo de cisão entre prazer/ desprazer não apenas na personagem, mas, também, em seu nome. Vejamos: o primeiro nome, "Cândida", faz menção fonética ao termo candidíase. Segundo Juan Carlos Kusnetzoff, em *A mulher sexualmente feliz* (1988), "é uma infecção provocada por um fungo chamado cândida (do latim cândida albicans: véu branco), que pode se estender a outros orifícios como a boca e anus." (KUSNETZOFF, 1988, p. 89) Ainda de acordo com o referido autor, essa patologia impede a prática sexual feminina e a obtenção de satisfação. Estamos nas circunscrições biológicas do corpo, nas mediações fisiológicas.

É sabido, como já mencionados nas linhas anteriores desse estudo, as interdisciplinaridades utilizadas por Freud para alicerçar seus conceitos psicanalíticos e trazer luz sobre os recôncavos obscuros da subjetividade

humana. Seguindo a linha de raciocínio do mestre vienense, recorreremos à filosofia de Nicolau Maquiavel (1469-1527) por intermédio da obra *O príncipe* (1532) para obtermos uma possível leitura sobre o segundo nome da personagem: Raposo. No capítulo XVIII, Maquiavel compara o comportamento ideal de um líder de principado ao comportamento de dois animais: o leão e a raposa pois “é preciso, portanto, ser a raposa para conhecer as armadilhas e leão para aterrorizar os lobos.” (MAQUIAVEL, 2017, p. 86)

Nesses termos, podemos ter por aceitabilidade a aproximação fonética entre Raposo e raposa, mas o que nos importa aqui é a conotação de animal astuto que esse mamífero recebe na obra filosófica citada. Se Cândida remeteria à patologia candidíase - sinônimo de supressão do prazer sexual, Raposo aludiria ao significante da raposa e suas capacidades de astúcia diante dos infortúnios. A pulsão erótica, assim como a raposa, manifestar ia-se com destreza, sutileza em um corpo supostamente desfavorável - aos olhos da própria personagem. Em suma, o nome Cândida Raposo funcionaria como significante para o sujeito, cindindo entre o gozo sexual e os interditos a esse mesmo gozo.

Na narrativa tomada por estudo, temos no discurso da protagonista uma espécie de metáfora que evoca os conflitos históricos entre a sexualidade (como sinônimo de prazer erótico) e a cultura patriarcal permeada pelos seus tabus e normas de comportamento que buscam velar as práticas sexuais que transbordam os limites do sexo monogâmico, heterossexual e com fins reprodutivos. O fator sexual humano é mais um atributo que nos diferencia - seres racionais e socializados - de outras espécies de seres vivos, uma vez que o ato sexual humano não se restringe apenas à reprodução, mas é condicionado para tal como uma forma de atender as necessidades da vida em sociedade. “Assim, o ser humano estará qualificado em um nível ‘acima’ dos demais seres vivos, por ostentar essa herança biológica/cultural que caracteriza sua prática sexual e suas sensações físicas como sendo exclusivamente humanas.” (BARP, 2010, p.46)

Desejo erótico e cultura, em outras palavras, encontram-se em constante tensão. As restrições sexuais impostas pelo patriarcado delimitam o

prazer erótico, velam as satisfações do corpo e moldam o comportamento da sexualidade por meio no enaltecimento de práticas sexuais consideradas saudáveis e naturais. “O patriarcado, por seu lado, onde quer que o encontremos, é caracterizado pela propriedade privada, escravatura de mulheres e por uma repressão sexual semelhante à da nossa própria sociedade.” (REICH, 1988, p. 88)

Consternada, Cândida Raposo, tomada por uma efervescente inquietação moral, começa a conjecturar possibilidade de se ver livre “da coisa” e de suas manifestações no corpo: “A vida era isso, então? essa falta de vergonha?” (LISPECTOR, 1974, p. 36) Diante do impasse, a personagem, com a expectativa de lograr êxito em se livrar de seus sintomas, parti para indagações sobre seu estado e como satisfazê-lo: “- E o que é que eu faço? ninguém me quer mais... O médico olhou-a com piedade. - Não há remédio, minha senhora.” (LISPECTOR, 1974, p. 36) Esse trecho nos dá uma dimensão social da condição feminina e sua sexualidade em contexto patriarcal. Temos uma senhora de oitenta e quatro anos que passa a reconhecer sua necessidade pulsional - que destoa da ideia da não correlação entre corpo biológico e corpo pulsional -e que está inserida em um contexto social patriarcal, que enaltece a juventude e beleza como forma de obtenção de um parceiro sexual. Nesse contexto, Cândida Raposo admite a necessidade de satisfazer “a coisa”, mas não dispõe de uma alternativa para tanto uma vez que seu corpo já não dispunha da vitalidade de tenra idade.

Continuando a levar sua “cruz de desejo”, seguindo pela sua *via crucis*, a protagonista se confronta com a possibilidade de saciar seus desejos eróticos por meio da compra do sexo ou a comercialização do prazer. Entretanto, é confrontada com uma resposta e uma realidade que a fazem desistir de seu intento: “Não ia adiantar de nada. A senhora tem que se lembrar que tem oitenta e um anos de idade.” (LISPECTOR, 1974, p.36) A resposta do médico retrata bem um outra condição histórica: as diferenciações existente entre o masculino e feminino no contexto da sexualidade e social. Cândida Raposo, mulher, idosa, mesmo dispondo da quantia e do ímpeto para procurar sua satisfação sexual na prostituição, é impedida por ser justamente o que é: um

mulher detentora de um corpo biologicamente e esteticamente metamorfoseado pelo tempo. Contudo, a busca masculina pelo comércio do sexo, como forma de satisfazer seu prazer erótico, é algo recorrente e, comumente, restrito a esse gênero como bem aponta Georges Duby, em *Idade média, idade dos homens; do amor e outros ensaios* (1989) e Peter N. Stearns, em *História da sexualidade* (2010).

Lequier (2001), por sua vez, desenvolve um panorama histórico e social sobre o chamado “mal solitário” ou onanismo nos contextos do século XVIII e principalmente XIX. Essa prática, tida como um mau para o corpo por acarretar em inúmeras patologias, como a tuberculose, segundo o autor, era algo mais voltado para uma patologia social em vez de uma doença do corpo. A visão social sobre a masturbação, no contexto oitocentista, ancorava-se na ideia do não privilégio ao sexo inserido como saudável e reprodutivo no âmbito do casamento. No *corpus*, a protagonista propõe recorrer a essa prática solitária: E... e se eu me arranjasse sozinha? o senhor entende o que eu quero dizer? - É, disse o médico. Pode ser um remédio. Então saiu do consultório. A filha esperava-a embaixo, de carro. (LISPECTOR, 1974, p. 36) Resta à anciã o recurso da satisfação ofertado pela masturbação. Utilizando-se de um outro objeto - que não o pênis - Cândida Raposo sai do consultório, não com uma solução medicamentosa para saciar o desejo sexual, com uma perspectiva solitária e silenciosa e que transgrida as visões culturais sobre sexualidade e corpo. A libido busca outros caminhos, envereda por itinerários múltiplos e se utiliza dos mais diversos espectros objetais para satisfazer sua meta de realização. Nesse sentido, sobre a plasticidade da relação entre pulsão, satisfação e objeto, afirma Roger Kennedy:

Enquanto a assimilação da imagem corporal é importante na sintetização das pulsões parciais, Freud, no seu ensaio “Os Instintos e Suas Vicissitudes”, revela outras formas de relação do indivíduo com os outros e mostra como o indivíduo é transformado de vários modos pela pulsão. Ele parece descrever uma relação completa entre o indivíduo e as pulsões, na qual aquele aparece e desaparece em vários pontos de uma complicada rota ou circuito da pulsão. Embora o objetivo máximo de cada pulsão seja satisfação, pode haver caminhos diferentes para o mesmo objetivo, e objetivos diversos podem

ser combinados e permutados entre si, refletindo mais uma vez a fluidez da libido. KENNEDY, 2005, p. 73)

A satisfação libidinal não é delimitada pelo objeto; pelo contrário, a multiplicidade de objetos, que podem ser tomados pela pulsão como alvo, diz sobre os diversos caminhos que podem ser percorridos pela libido na busca pelo intento de laxar as tensões intrapsíquicas. Essas travessias libidinais denunciam os diversos prismas da sexualidade humana e que contornam as especificidades de um corpo pautado na bioquímica estrutural. Entretanto, a não determinação da libido pelo objeto pode ser, como podemos constatar no *corpus*, ampliada para um constante engodo do erótico em relação aos tabus culturais. Ian Stuart-Hamilton, em *A psicologia do envelhecimento: uma introdução (2002)* assevera que, no contexto cultural e midiático contemporâneo, a sexualidade ou vida sexual ativa é vista como algo inerente aos jovens. Aos mais idosos ou aqueles pertencentes a chamada terceira idade, cabe a dissociação da vida sexual. Assim, complementa o autor:

Mesmo as pessoas mais velhas rotuladas pela mídia como "sexy" geralmente são escolhidas porque "não parecem ter a idade que têm". Correspondentemente, a pessoa mais velha não encontra em seu dia-a-dia a confirmação de que desejar uma vida sexual em qualquer etapa da idade adulta é normal e sadio. (STUART-HAMILTON, 2002, p. 142)

Após sair da consulta médica, Cândida Raposo retorna à sua residência: “nessa mesma noite deu um jeito e solitária satisfiz-se. Mudos fogos de artifícios. Depois chorou. Tinha vergonha. Daí em diante usaria o mesmo processo. Sempre triste.” (LISPECTOR, 1974, p.37) Após se utilizar da masturbação, para saciar seus transbordamentos libidinais, a personagem se apresenta tomada pela ambivalência: sentir-se saciada e culpada/envergonhada pelo método utilizado para prover as necessidades do desejo erótico. Seu prazer fora silenciado, sem gemidos de êxtase ou sussurros de prazer. Foi um gozo tácito vivenciado de si para si. Aqui, temos a reflexão sobre o prazer sexual feminino silenciado e subalternizado pela cultura patriarcal, ao longo dos séculos, por meio dos estereótipos de esposa e mãe, incomensuráveis com a posição de um corpo eroticamente desejante.

Ainda nos limiares da arte literária, podemos dispor de uma analogia entre o silenciamento dessa personagem lispectoriana e o modelo de feminino idealizado pela poesia do Romantismo no século XVIII: o eu-lírico toma a mulher pelo viés do objeto inacessível e da pureza, contudo temos um feminino silenciado, que não fala de si e, muito menos, de seu corpo. “É a vida, senhora Raposo, é a vida. Até a bênção da morte. A morte. Pareceu-lhe ouvir ruído de passos. Os passos de seu marido Antenor Raposo.” (LISPECTOR, 1974, p. 37). Cândida Raposo ouvira o ruído de passos de seu esposo, e, então, teve que abafar o último e mais discreto suspiro do gozo já silenciado que experienciara. Mesmo estando em uma relação heteronormativa e estável, como o matrimônio, a vida sexual denotando prazer era inexistente, posto que, aquele que deveria ser o cúmplice ou parceiro sexual, na verdade, é visto como a personificação da interdição orgástica. Assim, Cândida Raposo, por meio da pena clariceana, mimetiza o pulsional: ao mesmo tempo interditado e fervilhante, reprimido e expressivo em um jogo de ocultar e revelar as imaterialidades do enigmatismo erótico humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos gerais, a escrita lispectoriana se evidencia pelas recorrências temáticas que abordam as vicissitudes e as singularidades da existência humana. Mais precisamente, no conto *Ruído de passos*, a personagem Cândida Raposo pode ser vislumbrada como uma metáfora do perene conflito existente entre os transbordamentos de *Eros* e a sociedade patriarcal. Longe de sucumbir às amarras dos tabus culturais, o erotismo e suas múltiplas formas de expressão, assim como ocorre com o extravasamento libidinal no corpo octogenário da personagem clariceana, realiza sua irrupção por meio dos múltiplos prismas da subjetividade humana que concerne à sexualidade a plasticidade quanto às diversas formas de manifestação. Em suma, sob uma perspectiva psicanalítica, é o corpo do Outro que reivindica o estado do gozo e, ao fazê-lo, subverte a lógica cultura do corpo biológico inapto ao desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARP. Magna Regina Tessaro. **Sexualidade e Evolução Humana: O conflito entre o ser social e o ser biológico**. Ed. Alternativa, Porto Alegre, 2010.
- BRABANT. Georges P. **Chaves da psicanálise**. 4 edição. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1984.
- DUBY, Georges. **Idade média, idade dos homens**. Tradução: Jonas Batista Neto. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.
- FREUD. SIGMUND. **As pulsões e seus destinos**. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução: Pedro H. T. Editora Autêntica. 2013
- FREUD. SIGMUND. **Feminilidade (1931) In Amor, sexualidade, feminilidade**. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução: Pedro H. T. Editora Autêntica. 2013
- FREUD. Sigmund. **O poeta e o fantasiar (1908) In Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2015.
- FREUD. SIGMUND. **Sexualidade feminina (1933) In Amor, sexualidade, feminilidade**. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução: Pedro H. T. Editora Autêntica. 2013
- FREUD. Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905); análise fragmentária de uma histeria (caso Dora) e outros textos**. Obras completas. Tradução: Paulo César de Souza 1. ed. Companhia das Letras, 2016
- KENNEDY. Roger. **Libido**. Tradução: Carlos Mendes Rosa. Coleção Conceitos da psicanálise. Ed. Edouro. São Paulo, 2005.
- KUSNETZOFF, Juan Carlos. **A mulher sexualmente feliz**. Tradução de Talita Macedo Rodrigues - Ed. Nova fronteira. Rio de Janeiro, 1988.
- LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. tradução Vera Whately. - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001
- MACHIAVELLI. Niccolo. **O príncipe**. Tradução: Ciro Moranza. Editora: Lafonte. São Paulo, 2017
- MARTINS. Ana Paula Vosne. **Visões sobre o feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Ed. Fiocruz. Rio de Janeiro, 2004
- REICH. Wilhelm. **As origens da moral sexual**. Tradução: José Fragoso Fernandes; Jorge Mendes. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1988.

ROBLES. Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos.** Tradução William Lagos e Débora Dutra Vieira. 3 edição. Ed. Aleph. São Paulo 2019

STEARNS. Peter N. **História da sexualidade.** Tradução Renato Marques. Ed. Contexto. São Paulo, 2010.

STUART-HAMILTON. Ian. **A psicologia do envelhecimento: uma introdução.** 3 edição. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Ed. Artmed. Porto Alegre-RS, 2002

TRILLAT, Etienne. **História da histeria.** São Paulo. Ed. Escuta, 1991

VIOLANTE. Maria Lúcia Vieira. **Ensaio freudianos em torno da psicosexualidade.** Ed. Lettera. São Paulo, 2004.

WINOGRAD. Monah. **Corpo: natureza e expressão** *In* **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico.** Org. Joana de Vilhema de Novaes; Junia de Vilhena. Ed. Appris. Curitiba, 2016

Recebido em: 02/2021
Aprovado em: 03/2021

